

CORAÇÕES QUE MIGRAM DA INGLATERRA PARA O CARIBE: O PÓS-COLONIALISMO E A RELEITURA EM “CORAÇÕES MIGRANTES”, DE MARYSE CONDÉ

HEARTS THAT MIGRATE FROM ENGLAND TO CARIBBEAN: THE POSTCOLONIALISM AND THE REREADING IN “MIGRANT HEARTS” BY MARYSE CONDÉ

Adriana Falqueto Lemos¹
 Graduada em Letras Inglês
 Universidade Federal do Espírito Santo
 (flemos.adriana@gmail.com)

RESUMO: Em *Corações Migrantes* (2002), a escritora Maryse Condé reescreve, em Guadalupe, uma estória de amor que já foi contada na Inglaterra, no livro *Wuthering Heights* (O morro dos ventos uivantes, 1847). A análise da obra se dará a partir de uma abordagem que foca o escritor, visto por Antonio Candido (2006) como um criador que produz de acordo com suas escolhas pessoais e que, além disso, recorre ao registro social que tem a sua disposição, estando inserido em um sistema de influências que percorre seu fazer na escrita de um texto híbrido, dada a definição de Stuart Hall (2003), um texto e uma linguagem com traços pós-coloniais, com tratamento dos infinitos cruzamentos sociais provenientes do período de colonização, fontes de processo de construção de identidades.

Palavras-chave: Pós-colonialismo, Releitura, *Corações Migrantes*.

ABSTRACT: In *Corações Migrantes* (2002), the writer Maryse Condé rewrites, in Guadalupe, a love story that has already been told in England, in the book in *Wuthering Heights* (O morro dos ventos uivantes, 1847). The work analysis will start from the approach that focuses the writer, seen by Antonio Candido (2008) as a creator who produces according to his personal choices and, besides that, uses its references from the social register that has at his disposal, since he is inserted in a system of influences that gets the way of doing a writing hybrid text, underpinned on Stuart Hall (2003) definition: a text and language with post-colonial features which deals with infinite social crosses from the postcolonial period, sources of the identity construction process. process of where the identities are constructed.

Keywords: Postcolonism, Rereading, Migrant Hearts

Introdução

O processo de criação de uma narrativa é permeado por uma confluência de pensamentos e desejos que se explicitam por meio do papel, e essas imagens projetadas pelo escritor são frutos de sua vivência pessoal, de sua própria história e de sua vida cultural e social. Nessa medida, a produção da arte, em geral, tem em sua matéria a vida que lhe é contemporânea e, mesmo que esse não seja o fim, a arte é uma das ferramentas da qual o homem dispõe para expressar-se. Dentre

¹ Mestranda em Literatura

outros propósitos, é por meio dela que o ser humano vivencia as sensações e angústias que fazem parte do seu tempo e de sua sociedade. Afinal, como diria John Cage, “[...] arte não é uma fuga da vida, mas sim uma introdução à mesma” (CAGE, 2000, p. 211, tradução nossa). São esses elementos da realidade cultural e social, que são parte da vivência do artista, que são transfigurados e reproduzidos por meio de sua subjetividade.

A obra literária carrega em seu cerne, dentre outros sentidos, o senso da subjetividade do autor e o modo como este se relaciona com seu tempo. A literatura dá voz a um ser social, assim sendo,

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma ‘expressão’. A literatura, porém, é coletiva no momento em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma ‘comunicação’ (CANDIDO, 2008, p. 147).

Tomando essa noção de literatura como norteadora, o que nos interessa no trabalho de Maryse Condé é a possibilidade de empreendermos, por meio da leitura de sua obra, *Corações Migrantes* (2002), e do trabalho de expressão da subjetividade da autora como parte da apropriação feita da obra de Emily Brontë, *Wuthering Heights* (O morro dos ventos uivantes, 1847), um exame da expressão de uma literatura que é, por isso e além disso, pós-colonial.

Leitura e releitura

Maryse Condé é Caribenha e o seu francês personalizado demonstra sua origem híbrida, fruto da colonização francesa na região de Guadalupe, Martinica, San Martín e San Bartolomé. Esse francês, conforme a própria escritora fala em entrevista a Elizabeth Nunez (2000), não é um francês da França, é um registro pessoal de alguém que nasceu em Guadalupe. Essa cultura migrante faz parte da língua e da história da própria autora, como ela própria afirma: “Aqui estou, eu, Maryse Condé, nascida em Guadalupe, já tendo vivido na África e em Paris, e agora morando e trabalhando em Nova York” (NUNEZ, 2000, p. 50, tradução nossa). Segundo a autora, ela e a entrevistadora são escritoras caribenhas autênticas, e é parte de seus trabalhos explorarem suas escolhas pessoais enquanto estabelecem

diálogos sobre o lugar de onde vêm e o lugar que ocupam no mundo, por isso, o trabalho de Condé explora, principalmente, temas como a escravidão e o colonialismo no cenário das ilhas caribenhas. Qual o papel que a escrita toma na vida da autora, para quem ela escreve? Condé assim explica durante a entrevista:

As pessoas sempre me perguntam para quem eu escrevo. Eu escrevo para mim mesma. Eu escrevo sobre a escravidão, a África, a condição dos negros no mundo, porque eu quero ordenar meus pensamentos, compreender o mundo e estar em paz comigo mesma. Eu escrevo para encontrar respostas para as perguntas que faço a mim mesma. Escrever para mim é uma espécie de terapia. [...] Nós, primeiro, escrevemos para tornar o mundo compreensível e se o fizermos, talvez nós também ajudemos nossos leitores (NUNEZ, 2000, p. 47, tradução nossa).

Ao ser questionada sobre o que é ser autêntico quando se vive em outro lugar que não é mais aquele de origem, Condé diz: “O que significa falar autenticamente do Caribe? A escrita é sua própria versão da realidade” (NUNEZ, 2000, p. 50, tradução nossa).

A fala de Maryse Condé sobre sua ideia de literatura e de seu papel como escritora é similar à fala de Antonio Candido (2006), em “Literatura e Sociedade”, obra que discorre sobre as relações entre as narrativas literárias e a história social, fonte da sublimação produzida pelo autor que faz uso da sociedade por meio de seu prisma subjetivo, que se dá de acordo com as escolhas pessoais do referido.

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (CANDIDO, 2006, p. 187).

[...] criação literária corresponde a certas necessidades de representação de mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isso só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo (CANDIDO, 2006, p. 65).

Como se dá a reorganização do mundo ao qual o escritor pertence? Condé declara a Elizabeth Nunez que a perda da mãe, quando ainda muito jovem, foi forte influência para que ela se tornasse uma criança bastante reservada e

quieta. Durante anos, a autora afirma que tentou se “reconectar” com sua mãe, procurando meios na natureza e em todos os lugares. Aos 15 anos, ganhou de presente o livro *Wuthering Heights* e sentiu que aquilo havia sido escrito para ela, porque se identificou com Heathcliff e seu amor por Cathy e com o desejo que ele tinha de reencontrá-la depois de morta.

Em entrevista a Rebecca Wolff (1999), a escritora declara que, posteriormente, teve a chance de assistir ao filme de 1939, dirigido por William Wyler, e, por isso, de reviver todas as emoções da adolescência. Depois desse processo, Condé diz: “[...] então eu reli e descobri que aquilo tinha um significado além do que o próprio livro continha, além daqueles que a autora pretendia explorar. Era uma estória que podia ser transplantada para qualquer sociedade” (tradução nossa). Condé considerou a possibilidade de reescrever *Wuthering Heights* quando era professora e leu *Wide Sargasso Sea* (1966), um romance pós-colonial do autor da Dominica, Jean Rhys, que funciona como uma “prequela” de *Jane Eyre* (1847), da autora Charlotte Brontë. Depois de discutir o assunto com o marido, que não compreendeu o porquê de reescrever um clássico da literatura mundial, Condé ainda demoraria cinco anos para por seus planos em prática, o que considerou, segundo a mesma entrevista, algo que ela não poderia conter mais. Para a escritora, havia algo nas obras das irmãs Brontë que falava diretamente às mulheres do Caribe, algo na experiência das mulheres que as faziam se comunicar entre si, independentemente do *status*, ideologia, idade ou cor.

Mesmo separadas por um século, Emily Brontë pode entrar em contato com Maryse Condé. Eu tive que reescrever a história de Emily Brontë não para destacar as diferenças entre as Índias Ocidentais e as mulheres britânicas, mas sim para mostrar nossas semelhanças (NUNEZ, 2000, tradução nossa).

Pós-colonialismo e hibridismo

Ainda citando a entrevista com Rebecca Wolff, Condé diz que essa releitura faz parte de uma forte tradição literária que existe no Caribe, chamada de canibalismo literário. Essa é uma corrente antropófaga dita por Daniel Perlin, que segue um esquema de nacionalismo agressivo por meio de um consumo de cultura que implica na apreensão e absorção dela própria, ou seja, canibal (PERLIN, 1999),

que encontra certo paralelo na antropofagia do modernismo brasileiro. Para Rubens A. Alves (2008), o ato de leitura é um ato em que o sujeito “transubstancia”. Ainda segundo o teórico,

A experiência literária é um ritual antropofágico. Antropofagia não é gastronomia. É magia. Come-se o corpo de um morto para se apropriar de suas virtudes. Não é esse o objetivo da Eucaristia, ritual antropofágico supremo? Come-se e bebe-se a carne e o sangue de Cristo para se ficar semelhante a ele. Eu mesmo sou o que sou pelos escritores que devorei... E se escrevo é na esperança de ser devorado pelos meus leitores (ALVES, 2008, p. 66).

O leitor lê, absorve e torna aquilo parte de si, da sua própria cultura. Como vê Luiz Costa Lima, a obra literária “[...] expressa uma visão articulada do tempo” e faz com que o leitor possa desenvolver um “[...] entendimento crítico da realidade. E quando dizemos crítico, pensamos em um ato que não se encerra em compreender, mas em atuar a partir dessa compreensão” (LIMA, 1969, p. 35). Revigorando o que foi dito anteriormente por Condé, é na escrita que se reorganiza o mundo onde vivemos e é por meio dela que o leitor compreenderá seu próprio universo. Essa transgressão e troca, que emergem da relação entre o mundo e o escritor, também acontece durante a leitura e a significação que o leitor faz do texto. Maryse Condé, como escritora que fez uma releitura, configura-se como leitora que compreende o texto de Emily Brontë, canibaliza-o e transplanta-o para sua realidade. Para a autora, ainda havia no texto de *Wuthering Height* sentimentos e expressões que estavam por ser ditos por meio das vozes das mulheres do Caribe.

Mas o que é originário do Caribe? Onde começam e onde terminam suas fronteiras? É respondendo a perguntas como essas que Stuart Hall (2003) inicia seu livro, *Da Diáspora, identidades e mediações culturais*. Para o autor, a identidade de um povo colonizado se torna múltipla, já que as relações culturais que se estabeleceram formaram um elo entre todas as nações que imigraram para o Caribe. Em sua perspectiva dialógica, o autor explica que essa multiplicidade de tradições que foi transplantada para o Caribe aconteceu de maneira violenta quando os interesses imperiais decretaram a ordem da conquista da terra. Nossa contemporaneidade foi alicerçada em conquista, expropriação, escravidão e genocídio. A sociedade que se origina em um cenário colonizado advém de uma mistura que abriga em si diferentes elementos de tradição e, no caso do Caribe, essas tradições são Asiáticas, Europeias e Africanas. A noção do que seja “original”

Caribenho, para o teórico, é bastante controversa, já que o hibridismo de tradições é uma máxima, e a cultura do Caribe passa pela noção de imitação. Apesar de esse não ser o caso, o teórico frisa que há o processo natural de “crioulização” e de “transculturação”, em que os que estão subordinados utilizam a cultura dominante como fonte para recriações.

Hall (2003) diz que a cultura caribenha é essencialmente diaspórica e dita impura. Em uma relação sincrética, os objetos culturais das culturas colonizadoras são apropriados pela cultura dos grupos colonizados e, nesse processo, a apropriação é feita a partir do peso político desses objetos culturais. A independência do povo colonizado do Caribe acontece com a reinvenção da cultura do colonizador a partir da apropriação, da revisão e da produção de nova cultura. Nesse sentido, a cultura não é um processo de busca pelo passado, não é um retorno e nem mesmo uma “arqueologia” (HALL, 2003, p. 44), mas é um processo de criação contínuo. Essa produção cultural está vinculada à reprodução, por parte dos criadores, de matérias que são escolhidas de acordo com suas subjetividades e em conformidade com sua cultura contemporânea. Segundo Raymond Williams,

Já que a nossa maneira de ver as coisas é literalmente a nossa maneira de viver, o processo de comunicação, de fato, é o processo de comunhão: o compartilhamento de significados comuns e, daí, os propósitos e atividades comuns; a oferta, recepção e comparação de novos significados, que levam a tensões, ao crescimento e a mudança (WILLIAMS, 1965, p. 55).

Por essa razão, as criações literárias podem ser entendidas de maneira que:

Se a arte é parte da sociedade, não existe unidade sólida fora dela, para a qual nos concedemos prioridade pela forma de nosso questionamento. A arte existe aí como uma atividade, juntamente com a produção, o comércio, a política, a criação de filhos. Para estudar as relações adequadamente, precisamos estudá-las ativamente, vendo todas as atividades como formas particulares e contemporâneas de energia humana (WILLIAMS, 1965, p. 61).

Esse processo pode ser compreendido a partir da ideia de que “Na ‘experiência’, todas as práticas se entrecruzam; dentro da ‘cultura’, todas as práticas interagem — ainda que de forma desigual e mutuamente determinante” (HALL, 2003, p. 143, grifos do autor).

A crítica pós-colonial faz parte de uma das contribuições dos estudos de literatura comparada. De acordo com Sérgio Costa (2006), seu início se deu graças a autores que faziam parte da intelectualidade da diáspora negra, que eram, em sua maioria, advindos de países pobres da Europa Ocidental e América do Norte. A difusão dessa área de estudo se deu de forma pioneira a partir dos anos 1980, na Inglaterra e nos Estados Unidos. O texto de Maryse Condé é, primordialmente, pós-colonial pela estória cultural da autora, pela escolha de suas matérias e porque “[...] dramatiza, assim, a identidade fraturada e o sofrimento pessoal do negro nas sociedades de raízes coloniais e escravistas das Américas” (COSER, 2008, p. 172).

O estudo do pós-colonialismo na literatura é, sobretudo, de acordo com José Luis Fornos (2011), uma análise em uma perspectiva transnacional e trans-humana, porque os discursos contemporâneos não estão fixos, mas, assim como para Homi Bhabha, “[...] estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural” (BHABHA, 1998, p. 241). O pesquisador ainda acrescenta à discussão que “A mobilidade de indivíduos e comunidades configura novas territorialidades” (FORNOS, 2011, pp. 17-18). Portanto, hoje, “[...] o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pela qual as culturas se reconhecem através das projeções de alteridade” (BHABHA, 1998, p. 33).

Fornos (2011) prossegue com a análise de que, hoje, a cultura do que é chamado de minoria pode ser compreendida à luz do hibridismo cultural, porque suas misturas estão enraizadas em suas histórias como povos. Sendo assim, sua produção cultural não repousa sobre um sólido constructo acumulado, mas está sempre em revisão, é provisória e circunstancial. Nessa perspectiva, o teórico destaca algumas características da literatura pós-colonial:

Em primeiro lugar, tais livros evocam múltiplos territórios que se sobrepõem e se entrelaçam, informando equações históricas geradas por impérios, colônias e a globalização. Em segundo, apresentam travessias intercontinentais, proporcionando um conhecimento variado de identidades. [...] Ao tema da identidade ajusta-se o conceito de diáspora. Os resultados de tais empreendimentos e configurações trazem a importância dos processos de hibridação como condição originária dos diversos agrupamentos sociais, em que pese os graus e modos de participação e integração comunitárias (FORNOS, 2011, p. 26-27).

Podemos perceber essas características na obra de Condé. O deslocamento no tratamento do tema do romance de Condé começa, na verdade,

bem antes que as primeiras páginas sejam apresentadas ao leitor. É no título, *La migration des coeurs*, o nome original em francês de *Corações Migrantes*, que começa a releitura de *Wuthering Heights* e suas implicações pós-coloniais migratórias.

A estória de *Wuthering Heights* gira em torno do amor de Catherine e Heathcliff. Ele, um pobre descendente de ciganos, é adotado pelo pai de Cathy e, dada a morte do homem que sempre cuidou dele, passa a ser tratado como um criado pelo irmão mais velho da menina, Hindley. Ambos, Catherine e Heathcliff, têm uma relação de intensa amizade e amor, mas, com o passar dos anos, a menina se torna uma jovem mulher desiludida pela pobreza. Em um ímpeto de raiva pela condição subalterna do amado, deixa escapar à criada Nelly: “Se eu agora me casasse com Heathcliff, seria uma degradação” (BRONTË, 2010, p. 103). Heathcliff, que estava escutando à surdina, foge magoado e determinado a ser tão rico quanto seu rival. Cathy se casa com Edgard, o próspero e bem educado morador da região vizinha, mas, passado algum tempo de uma vida quieta e sem muitas tribulações, a rotina do casal é preenchida com momentos de tensão causados pela volta de Heathcliff. Muito é feito desde a sua chegada: a irmã de Edgar foge com o cigano, e Cathy fica em conflito com seus sentimentos, porque tem ressentimento pela crueldade de Heathcliff e, ao mesmo tempo, ainda o ama de forma intensa. Por causa dessa tensão emocional, Cathy adocece e finalmente morre, fazendo com que Heathcliff deseje: “Disseste que eu te matei... pois persegue-me agora com o teu fantasma!... Sei que a vítima persegue seu assassino. [...] Fica comigo pra sempre... toma qualquer forma... enlouquece-me!” (BRONTË, 2010, p. 211).

Dois corações apaixonados que ficaram ligados em vida e após ela, são esses dois corações que migram da Inglaterra para o Caribe e são transplantados em dois nativos chamados Cathy e Razyé. Em um país diferente, em um cenário político diferente e em uma situação racial díspar. Em vez de Yorkshire na Inglaterra, a narrativa toma lugar em Cuba, onde Razyé, o Heathcliff de Condé, fez sua fortuna e onde tenta fazer parte da comunidade local para aprender as práticas da *Santería* com o babalaô Melchior, que também “era um bom católico” (CONDÉ, 2002, p.19). Cathy vive em Guadalupe, em um casebre no alto de um morro. Razyé é negro, e Cathy é uma mulata. Justin é o Edgar de *Wuthering Heights*. Em **Corações Migrantes**, ele é o filho primogênito de uma linhagem de *bekés*, que são ricos e têm

uma plantação de açúcar onde trabalham muitos escravos. De maneira similar ao enredo de *Wuthering Heights*, em **Corações Migrantes**, Cathy Gagneur vive com um irmão e o pai em uma casa pobre, que fica no alto de um morro. Em uma das viagens que faz, o pai traz para casa um menino encontrado no meio de um monte de *razyés*, vegetação local, e por isso lhes dão esse nome. Um negro retinto, o menino é colocado em posição de criado da casa quando o pai de Cathy morre, e, mesmo assim, o romance dos dois é mantido. Com a chegada de Aymeric de Linsseuil, o primogênito de família branca e nobre à trama, a tensão se instala. Cathy fica encantada com o estilo de vida dos *bekés* da região, que são brancos, educados, com linguagem diferente e outras práticas sociais. Com o amadurecimento dos quinze anos, vem também a vontade de mudar de padrão social, de casa e de vida. Questionada pela criada sobre o porquê de abandonar Razyé, ela declara também: “Isso seria por demais degradante. Seria recomeçar a viver como nossos ancestrais, os selvagens da África!” (CONDÉ, 2002, p. 18).

O enredo da estória de amor do casal se desenrola de maneira semelhante àquele da Inglaterra, com a ida de Razyé para Cuba e sua volta triunfante para atormentar Cathy e fazê-la perceber o quanto esteve errada em duvidar das capacidades do rapaz. Ele envolve a irmã de Aymeric da mesma forma que Heathcliff o fez. Cathy Gagneur adoece e finalmente morre. Razyé, então, recorre ao vodu para que possa ter sua Cathy novamente: “Me entrega ela prisioneira. Vou repetir: É para ela não me deixar nunca. Quero-a comigo em cada instante que me sobrou para viver! Quero que não me largue um só minuto, como a vítima e seu assassino” (CONDÉ, 2002, p. 100).

Heathcliff e Cathy, de *Wuthering Heights*, são dois corações migrantes com uma estória de amor que se tornou parte da literatura mundial de forma imortal. A força desse amor, escrito pela jovem Emily Brontë, tocou profundamente Maryse Condé, um sentimento universal que faz parte de todas as culturas. A jovem Condé, na sua leitura, viu a si mesma, viu seu povo, viu sua cultura. Os corações de Cathy e Heathcliff se tornaram universais, seu amor pertence à cultura mundial, porque esse é um sentimento que faz parte da vida de todos os seres humanos. Essa urgência na realização do amor violento, do apego e da religiosidade que gira em torno do desejo foi ecoada pela tradição híbrida do Caribe. A Cathy caribenha é pobre e sofre preconceito social por causa da cor da sua pele. Heathcliff era um cigano. Além de

pobre, sua falta de linhagem o deixava à mercê da sociedade, seu ódio advém principalmente da falta de oportunidade que lhe foi dada pelo lugar de serviçal em que se encontrava e pelo preconceito que sofria por não ter educação ou modos. Edgar Linton, seu rival, era o oposto dele e não teve muita dificuldade em lhe tirar Cathy. Rico, educado e fino, ofereceu à moça um futuro promissor, sem todos os percalços que ela tanto temia sofrer. A escolha entre o amor e o dinheiro que Cathy viveu foi, além de tudo, motivada pela falta de recursos e de outras possibilidades. A sua doença e morte foram ocasionadas pelo colapso que ela sofreu, por não suportar mais viver com a culpa de ter magoado quem amava e de não ter seu perdão.

Esses dois corações rebeldes e desejosos por mudanças em seus *status* sociais eram o rosto do Caribe, um país revoltado em um passado de guerras e de muita miscigenação, morte, abuso de poder e de diferenças sociais. Razyé sofre porque é negro, porque era dito feio, porque não tinha mãe nem pai, não tinha nome e nem posses. Trazido nu para a casa de Cathy, era totalmente destituído de qualquer coisa.

Sua revolta por perder Cathy para Aymeric faz parte da dor social do Caribe de *Corações Migrantes*, porque os brancos colonizadores dominaram a terra e escravizaram o povo, porque ser branco naquele lugar é ter um lugar de destaque, é ter posses, ter educação e discriminar a todos os outros.

A Cathy caribenha também sofre, porque seus problemas são novos: ela não é apenas pobre, mas é mulata também. Seu destino natural é casar-se com um negro ou mulato e morar na mesma casa pobre onde sua família mora a gerações. Desesperada, ela coloca seus sentimentos de lado, acreditando que uma vida ao lado de um homem com uma condição social melhor e branco poderia fazê-la feliz.

Considerações finais

O deslocamento de corações, tornando o romance um híbrido entre uma obra da literatura mundial escrita na Inglaterra, em 1847, e o lirismo de uma escritora caribenha, é o foco principal do estudo deste artigo. A mistura cultural, a leitura e releitura de uma obra de um país “colonizador” por uma escritora de país “colonizado” atualizaram o sentimento de uma escritora que morreu em Londres, aos 30 anos, na voz de mulheres que sofrem as dores do preconceito e de escolhas

difíceis em uma sociedade preconceituosa e cheia de diferenças sociais. As paixões e misérias humanas, pela ótica renovada de Maryse Condé, tornam-se universais. Emily Brontë vivia uma vida reclusa e quieta em sua casa isolada, mas, como Oscar Mendes disse,

[...] a genialidade de quem não teve amantes e amores escandalosos, de quem viveu obscuramente e obscuramente morreu, de quem não conheceu o mundo, enchendo-o do rumor de suas aventuras, de quem tinha apenas como palco, uma charneca, uma casa paroquial, uma igreja, um cemitério e uma cozinha! Como admitir gênio literário numa moça que passava seus dias cozinhando, lavando, passando roupa, dando comida aos animais, amassando pão? No entanto, daquela cozinha numa casa paroquial, dum quarto sombrio e exíguo, numa charneca castigada pelo vento, iria surgir uma obra imortal e genial, inexplicável e solitária na história da literatura mundial (MENDES, 1959, p. 11).

Seu espírito e atravessou continentes mais de duas centenas de anos e, finalmente, chegou a outra jovem, que vivendo em uma realidade completamente diferente da de Emily, foi tocada e compreendeu que as mulheres inglesas e caribenhas eram feitas da mesma matéria e dos mesmos desejos. A leitura, afinal,

É mais que um conhecimento a ser reelaborado. Ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos [...]. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizem a nós mesmos (COSSON, 2006, p. 17).

Referências

- ALVES, R. **Na morada das palavras**. Campinas: Papirus, 2003.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRONTË, E. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Rachel de Queiroz. São Paulo: Abril, 2010.
- CAGE, J. **Conversation with Stanley Kaufman**. Paris: Richard Rostelanetz, Editions Syrtes, 2000, p. 211.

- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CONDÉ, M. **Corações migrantes**. Tradução de Júlio Bandeira. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- COSER, S. **Reinscrevendo gêneros: o feminino, o diário e a nação**. In: Revista Brasileira do Caribe. Vol. IX, Núm. 17, julho-diciembre, 2008, pp. 165-196.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, S. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- LIMA, L. C. **Por que literatura**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- FORNOS, J L. **Contribuições da crítica pós-colonial aos estudos da literatura comparada**. Revista Língua & Literatura (Impresso), v. 13, p. 13-35, 2011.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- MENDES, O. Emily Brontë. In: BRONTË, E. **O morro dos ventos uivantes**. Rio de Janeiro: Globo, 1959.
- NUNEZ, E. **TALKING TO... Maryse Conde: grand dame of Caribbean literature**. UNESCO Courier, v. 53, nº 11, pp. 46-51, nov. 2000.
- PERLIN, D A. **Tracing Tropicalia**. Dissertação (Mestrado).1999. 128 f. Brown University, Providence, Rhode Island, 1999. Disponível em: http://www.danielperlin.net/words/tropicalia_revision2005.pdf. Acesso em 28 de out. de 2012.
- WILLIAMS, R. **The Long Revolution**. Harmondsworth: Penguin, 1965.
- WOLFF, R. **Maryse Condé**. Bomb Magazine, nº 68, Summer, 1999. Disponível em: <http://bombsite.com/issues/68/articles/2248>. Acesso em 28 de out. de 2012.